

«Não Somos Bandidos»

**A vida diária de uma guerrilha
de direita: a Renamo na época
do Acordo de Nkomati
(1983-1985)**

Michel Cahen

Revisão do português por
Melina Revuelta,
Érico Elias
e Fátima Mendonça



**Imprensa
de Ciências
Sociais**

Sumário

Abreviaturas	17
Introdução	21
Capítulo 1	
O período do Acordo de Nkomati	35
Capítulo 2	
A geografia militar da Renamo	45
O mapeamento das regiões militares da Renamo	45
Capítulo 3	
A subida para o Norte	51
Antes do Acordo de Nkomati	51
Depois do Acordo de Nkomati	53
Leopardo Norte	58
Tigre Norte	59
Búfalo Norte	63
Capítulo 4	
A batalha política no imediato pós-Nkomati	77
Mobilizar a população	78
A Renamo já ganhou a guerra	80
Os comissários políticos	85
O fracasso das negociações de Pretória	86
Capítulo 5	
«Libertar as populações indefesas», destruir as aldeias comunais . . .	91
No Sul	93
Regiões centrais e Tete	95
O caso especial zambeziano	98

Nampula, a província incendiada	100
Atacar os bairros comunais	107
Cabo Delgado sem Mueda	113
Capítulo 6	
A «nossa população», as «nossas zonas»	117
Os três papéis da população	117
Proteger as bases	117
As tarefas paramilitares	119
Os carregamentos	121
A demanda de proteção	123
«Nossa população»	127
Capítulo 7	
A Frelimo frente à população da Renamo	131
Raptar para trazer às AC	131
Raptar para trazer para as zonas do Estado	133
Atacar a população da Renamo	136
Minar, envenenar e roubar a população da Renamo	137
Capítulo 8	
A Renamo frente à «população do inimigo»	141
Do «executar os agentes do inimigo»...	141
Os <i>capricones</i>	143
Os agentes e seus familiares	144
Afinal, quem é «agente do inimigo»?	146
... ao «matar os elementos da população» do inimigo	149
A estrada, eixo inimigo	150
Um ódio historicamente produzido	154

Entre «populações» e militares da Renamo, os chefes tradicionais	
e os mudjibas	155
Os «régulos»	155
Os mudjibas	156

Capítulo 9

A batalha pela alimentação	167
Há fome nas FPLM	167
Há fome na Renamo	169
A fome e as deserções	173
Rivalidades pela comida	174
Reparar as áreas «com muita alimentação»	175
Produzir para a Renamo	176
O comércio de trocas	178

Capítulo 10

A organização e a vida militar	181
O recrutamento	181
As crianças-soldados	189
A disciplina	190
As tensões internas e a feitiçaria	199
Os presos	206
As deserções	209
As deserções de «elementos simples»	209
As deserções de chefes	212
As deserções em grupo	212
As deserções nas FPLMs	217

O treino e a formação dos soldados	217
Uma formação frequentemente centralizada	219
A ultracentralização militar.	222
Uma linha de comando nem sempre nítida	224

Capítulo 11

Os «diários» das regiões militares	227
A duração dos combates.	228
Combates curtos.	228
Combates de duração média.	232
Combates de várias horas	233
A batalha ferroviária	236
A guerra semiconvencional.	241
As derrotas da Renamo e as contraofensivas da tropa	
governamental	247
Um Sul débil.	249
O diário das regiões militares	255
Controlar o enquadramento das regiões.	261
Segurança e inteligência militar	263
Calcular as baixas?	267

Capítulo 12

A batalha pelo abastecimento e a gestão do armamento	271
Antes do Acordo de Nkomati.	271
Depois do Acordo de Nkomati.	274
Capturar as armas	277
Gerir as armas	281
Contar os soldados	287

Capítulo 13

A centralização dos bens materiais e a repressão do mercado negro	297
As mercadorias	300
O dinheiro	302
O marfim e o mercado negro	305

Capítulo 14

A questão urbana	309
Militantes políticos nas cidades	309
Terror nas cidades?	310
Atacar as grandes cidades?	315

Capítulo 15

Escolarização e saúde nas zonas da Renamo	319
«Escolas militares» e «escolas do povo»	319
Hospitais sem medicamentos e curandeiros com autorização	323

Capítulo 16

O «problema das mulheres»	327
«É proibido namorar com filhas da população»	328
«É proibido introduzir mulheres na base»	331
Violações em tempo de guerra	337
Apropriar-se das mulheres dos outros	338
As violações, uma arma de guerra?	341
O caso do Destacamento Feminino	342
Dhlakama, a sua mulher e as suas filhas	349

Capítulo 17

A guerrilha burocrática	351
--	-----

Conclusão	
O inimigo como modelo	355
Anexo	
Dispositivo militar regional da Renamo em 1984-1985	363

Introdução

Este trabalho trata da Resistência Nacional de Moçambique (Renamo) – grupo armado que combateu o regime da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) de 1977 até 1992 e hoje é o principal partido da oposição –, tal como aparece nos *Cadernos da Gorongosa*.

* * *

Em 28 de agosto de 1985, o quartel-general da Renamo, situado na Casa Banana, foi atacado pelas forças zimbabweanas e do governo moçambicano. A Casa Banana estava situada a leste da serra da Gorongosa, no extremo norte do parque nacional do mesmo nome, cerca de 22 km a leste da localidade de Vunduzi, a norte do rio Nhaduê.¹ A Renamo sabia de antemão do ataque e

¹ Stephen A. Emerson indica como situação «entre a localidade de Cavalo e o monte Panda, a noroeste da aldeia de Canganetole»: *The Battle for Mozambique: The Frelimo–Renamo Struggle, 1977–1992* (West Midlands: Helion and Company Limited, 2014), 136. Cavalo está a menos de 1 km de Vinduzi. Canganitore (Canganetole no livro de S. Emerson) tinha sido a pista de aterragem da Casa Banana. Segundo Peter Stiff, as tropas zimbabwenas lideraram toda a operação: «[...] elite troops of Zimbabwe's 1st Parachute Battalion captured Renamo's Gorongosa HQ on 28 August 1984 [sic: 1985]. This attack had been made possible by the ZNA taking over responsibility for offensive operations in the Manica, Sofala and Tete provinces from the FPLM. This was additional to their responsibilities in the Beira corridor [...] It is ironic that the reconnaissance of the base and the successful assault afterwards was controlled by colonel Dudley Coventry [...]

informou os seus grupos locais para que não fossem apanhados de surpresa.² A base fora evacuada, tendo ficado uma parte do material bélico mais pesado que tinha sido apreendido ao governo.³ Apesar da declaração de Samora Machel, presidente da República Popular de Moçambique e do partido no poder, a Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), dizendo «quebrámos a espinha dorsal da cobra», esta não foi uma derrota militar importante. Aliás, um jornalista estrangeiro baseado em Moçambique, bastante favorável à Frelimo, retorquiu: «o problema é que a cobra não tem espinha dorsal».⁴ A Casa Banana foi reocupada alguns meses depois pela Renamo.

No entanto, para além do material pesado que haviam deixado, ficou também uma parte dos seus arquivos, que os serviços de segurança do governo moçambicano se apressaram a estudar.⁵ Com efeito, poucos meses depois do Acordo de Não-Agressão e Boa Vizinhança,

He had originally established the base for Renamo in the old Rhodesian days, so he knew it well. Before the assault, he briefed FPLM commanders at Chimoio on Renamo's history» [Peter Stiff, *The Silent War: South African Recce Operations 1969-1994* (Alberton: Galago, 1999), 379-380]. Agradeço a Éric Morier-Genoud, que chamou a minha atenção para essas páginas.

² Entrevista com o brigadeiro-general Inácio Faque Ferraria, Beira, outubro de 2014. O próprio A. Dhlakama contou a sua versão da tomada da Casa Banana, reproduzida em Jaime Nogueira Pinto, *Jogos Africanos* (Lisboa: A Esfera dos Livros, 2008), 226-228.

³ Emerson, *The Battle for Mozambique*...

⁴ Em inglês, estranhamente, o episódio foi traduzido assim: «We have broken the back of the snake, but the tail will still thrash around» [Paul Fauvet e Marcelo Mosse, *Carlos Cardoso: Telling the Truth in Mozambique* (Cidade do Cabo, 2003), 138]. Emerson utilizou a mesma tradução: «We have broken the back of the snake [...] The tail will still thrash around for a while. Now we are pursuing the head of the snake» (*The Battle for Mozambique*..., 140).

⁵ Não era a primeira vez que a Renamo perdia «papéis». Isso já acontecera em junho de 1980, quando a base de Sitatonga foi assaltada pelas forças do governo (Sitatonga foi a segunda base central da Renamo no interior de Moçambique, depois da queda da base de Satungira, na Gorongosa, em 1979) (v. a entrevista de A. Dhlakama por Jaime Nogueira Pinto, *Jogos Africanos*, 227-228). O bloguista pro-Renamo Unay Cambuma também descreveu essa batalha no artigo «A batalha de Satitoga-2» [sic], http://macua.blogs.com/moambique_para_todos/2014/02/a-batalha-de-satitoga-2.html. Também, aquando da tomada da base de Garagua, em 4 de dezembro de 1981, papéis que já foram divulgados pelo governo, conhecidos como *Documentos de Garagua* [cf. Anders Nilson, *Paz na Nossa Época. Para Uma Compreensão Holística de Conflitos na Sociedade Mundial* (Maputo, ISRI e Göteborg: Padriku, 2001), 59].

o chamado Acordo de Nkomati, assinado em 4 de outubro de 1984 e que, em princípio, previa que o governo moçambicano deixasse de apoiar o *African National Congress* em troca de o governo sul-africano deixar de apoiar a Renamo, esses documentos iam permitir comprovar que o segundo continuava clandestinamente, mas ativamente, a apoiar a Renamo com material bélico e não bélico.

Rapidamente o governo publicou excertos dos doravante conhecidos como *Cadernos da Gorongosa*, isto é, peças de arquivos da Renamo, onde aparecia, sem dúvida alguma, a presença da África do Sul na vida do grupo rebelde. Houve duas edições sucessivas, sob o título de *Documentos da Gorongosa*, a segunda ampliada e bilingue, incluindo uma parte intitulada «1984. Diário/Desk Diary», além dos «Caderno 2» e «Caderno 3», já incluídos na 1.^a edição. De imediato, Afonso Dhlakama, comandante-chefe da Renamo, alegou que eram documentos falsos forjados pelo SNASP.⁶ De certa maneira, ele tinha razão: como o título mesmo indicava,⁷ eram «extratos», mas extratos cuidadosamente escolhidos com o fim único de comprovar a presença sul-africana. A «concentração», nesses excertos, de tudo quanto evocava a África do Sul criava assim a impressão de que esta tinha uma presença quase diária na vida da guerrilha, que não era mais do que o «braço regional armado do *apartheid*», isto é, um fenómeno não político, mas de tipo mercenário – daí a expressão «bandidos armados», ou «BAs», usada desde 1980.⁸

⁶ SNASP: Serviço Nacional de Ação e Segurança Popular, a temida polícia política do regime da Frelimo. Alex Vines, autor de um dos primeiros estudos aprofundados sobre a Renamo, não se apercebeu de que os *Documentos da Gorongosa* publicados pelo governo, a que ele chama os *Vaz diaries*, não eram mais do que uma seleção («Vaz», de José Francisco Vaz, segundo A. Vines – talvez houvesse confusão com Joaquim Vaz, secretário de A. Dhlakama) [Alex Vines, *Renamo. From Terrorism to Democracy in Mozambique?* (Amsterdão: Centre for Southern African Studies – Londres: James Currey, 1996), 24-25 (1.^a ed., 1991)].

⁷ *Documentos da Gorongosa (extracts)/(extracts) Gorongosa Documentos* ([Maputo], [1985]), 108 folhas (216 páginas), 2.^a ed. Preferi manter o nome *Cadernos da Gorongosa* porque é corrente e para os distinguir dos excertos publicados pelo governo.

⁸ Antes da independência do Zimbabwe, o governo da Frelimo denunciava diretamente as incursões das forças rodesianas em território moçambicano, ou falava de «atividades contrarrevolucionárias», o que era um qualificativo político. Como a independência do Zimbabwe devia levar ao fim dessas atividades, o que não aconteceu, pelo contrário, o qualificativo de «bandidos armados» foi doravante utilizado para negar qualquer teor político à rebelião.